



**‘O “ESTILO” EM CÂMARA JR. E BAKHTIN:
DIZERES SOBRE E A PARTIR DE SAUSSURE**

**THE SAUSSURE-EFFECT IN CAMARA JR.
AND BAKHTIN'S STYLISTICS**

THAÍIS DE ARAUJO DA COSTA¹

Resumo: Neste artigo, à luz da História das Ideias Linguísticas na sua relação com a Análise de Discurso, propomo-nos a refletir acerca das ressonâncias produzidas pelo “efeito Saussure” (NORMAND, [2000]2004) nos quadros teóricos filiados aos nomes de dois autores recorrentemente lidos e citados no Brasil, a saber: o linguista brasileiro Mattoso Câmara Jr. e o russo Mikhail Bakhtin. Para tanto, selecionamos como materialidades a serem analisadas dois artigos inscritos, respectivamente, nesses nomes, quais sejam: “Considerações sobre estilo” (1961) e “Os gêneros do discurso” (1952-1953). Considerando a relação entre os dizeres de Saussure, sobre Saussure e a partir de Saussure, a análise nos possibilitou depreender que, embora o *Curso de Linguística Geral* seja tomado como um ponto de retorno (PÊCHEUX, [1981] 1999) nos dois textos analisados, as condições de produção em que se dá esse retorno implicam diferentes formas de significação e, portanto, de se relacionar com a memória instituída por ele.

Palavras-chave: Efeito Saussure; Estilo; Estilística; Câmara Jr.; Bakhtin.

Abstract: This paper, based on History of Linguistic Ideas in its articulation with Discourse Analysis, aims to reflect on the resonances produced by the “Saussure-effect” (NORMAND, [2000]2004) in the frameworks related to the names of two commonly read and referred authors in Brazil, i.e. the Brazilian linguist Mattoso Câmara Jr. and the Russian Mikhail Bakhtin. The analysis was carried out by selecting two papers inscribed under their names as the materialities to be studied, respectively, “Considerações sobre estilo” (1961) and “Os gêneros do discurso” (1952-1953). Taking into consideration the discourses by Saussure, on Saussure and from Saussure, the analysis showed that although the *Course of General Linguistics* is understood as a point of return (PÊCHEUX, [1981]1999) in both axes analyzed, the conditions of production in which each return takes place imply different forms of meaning, and so of relating to the memory instituted by him.

Key words: Saussure-effect; Style; Stylistics; Câmara Jr.; Bakhtin.

¹ Pós-doutoranda em História das Ideias Linguísticas no POSLING/UFF, sob a supervisão da Profa. Dra. Vanise Medeiros. Membro do Grupo Arquivos de Língua (GAL-UFF) e do Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS-UFF). Pesquisadora colaboradora no PPGL-IEL/Unicamp, sob a supervisão da Profa. Dra. Claudia Pfeiffer. araujo_thais@yahoo.com.br.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8599-3528>

1. INTRODUÇÃO

“Com efeito, o evento/advento da ciência linguística (...) não parou, desde a origem, de se negar através de uma alternância de diásporas reais e de reunificações enganadoras” (Pêcheux, [1981]1999, p. 9).

Hodiernamente, é comum afirmar-se que, por muito tempo, a análise estilística ficou restrita ao âmbito literário. A tese que defendemos neste artigo é a de que esse “encarceramento” da disciplina Estilística está estreitamente relacionado às concepções de estilo que se naturalizaram ao longo da história da (re)produção do conhecimento linguístico ou, mais especificamente, na relação estabelecida entre essas concepções e aquilo que se considera como objeto da Linguística, bem como a perspectiva que se tem desse objeto. Sendo assim, à luz da História das Ideias Linguísticas na sua relação com a Análise de Discurso de base materialista², buscaremos historicizar os estudos estilísticos³, relacionando-os aos estudos linguísticos tais como desenvolvidos a partir do chamado corte epistemológico procedido no início do século XX, após a publicação do *Curso de Linguística Geral*, cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure (1857-1913). Com esse fito, perseguiremos, em nosso gesto analítico, o percurso trilhado em dois textos que até hoje produzem efeitos nas práticas de análises estilísticas desenvolvidas no Brasil, a saber: “Considerações sobre estilo” (1961), do linguista brasileiro Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970)⁴, e “Os gêneros do discurso” (1952-1953), do russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), articulando-os, sempre que se fizer necessário, a outros textos importantes para a compreensão do quadro teórico delineado.

Como buscaremos demonstrar, apesar de os nomes de Câmara Jr. e Bakhtin inscreverem-se em quadros teóricos distintos e de muito provavelmente um não ter sabido da existência do outro, os dois teóricos têm em comum o fato de, nas reflexões sobre o estilo filiadas aos seus nomes, ressoar aquilo que Normand ([2000]2004) designou como “efeito Saussure”, isto é, interpretações que foram produzidas sobre o

² Assim como Horta Nunes (2008, p. 109), entendemos que essa relação não se dá “ao modo de uma interdisciplinaridade ou de uma complementaridade”, mas no sentido de que esses domínios, apesar de terem arcabouços teórico-metodológicos próprios, compartilham uma visão histórica a respeito do que chamamos de ciências da linguagem, tendo sido produzidas, em função do contato entre eles, ressonâncias em ambas as direções. Sendo assim, nesta análise, na esteira do que propõe o autor, inscrevendo-nos no lugar do “analista-historiador” (ibid., p. 110), adotaremos o dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso para fazer história das ideias linguísticas.

³ Em AD, a historicidade – o interdiscurso – diz respeito ao modo singular por meio do qual a história se inscreve no discurso. Trata-se, conforme Orlandi (2002, p. 33), “daquilo que, da situação, das condições de produção, é relevante para a discursividade”, no caso em tela, para a discursivização do que se toma por estilo e por estudos estilísticos nos estudos linguístico-gramaticais desenvolvidos no Brasil.

⁴ A terceira parte do livro *Dispensos* é totalmente dedicada à Estilística, aqui analisamos apenas o primeiro dos três artigos que compõem essa parte. Além desses textos, Câmara Jr. recebeu em 1952 o título de professor livre-docente com a tese *Para a contribuição da estilística da língua portuguesa*, a qual foi publicada no ano seguinte sob o título *Contribuição à estilística portuguesa*, e publicou, em 1962, o livro *Ensaio machadianos: língua e estilo*.

Curso e que se naturalizaram sobretudo a partir da década de 1950, significando a Linguística como ciência piloto das ciências humanas e sociais e Saussure como pai da Linguística e do Estruturalismo europeu. A tradição linguística fundada a partir desse efeito é comumente chamada de saussurianismo⁵. A respeito disso, Chiss e Puech (1994, p. 41) afirmam que Saussure e o saussurianismo não constituem apenas um domínio de pesquisa, mas, retomando Foucault, um *domínio de memória*, no sentido em que as expressões saussurianas continuam, na configuração do campo enunciativo da linguística, “a ser admitidas, explicitadas, comentadas e discutidas”.

Na análise discursiva aqui empreendida, o *Curso* é, então, considerado como o discurso fundador, no sentido proposto por Orlandi (2003), dessa ciência Linguística que se constituiu a partir dos gestos de leitura-interpretação apreendidos sobre ele. Como sugere o “encarceramento” anteriormente mencionado, entendemos que os sentidos naturalizados a partir desses gestos produzem ressonâncias no domínio da disciplina Estilística, a qual se constituiu na tensão entre estar “dentro” e “fora” da Linguística. Com a publicação do *Curso*, rompe-se com a tradição anterior, instaurando uma nova ordem de sentidos, criando “uma nova tradição”, ressignificando o que veio antes e substituindo “uma memória outra” (ibid., p. 13). São, pois, os diferentes efeitos produzidos por essa memória, por esse discurso fundador, que buscaremos identificar nos textos analisados, aqui tomados como exemplares discursivos, formas materiais nas quais se pode observar o funcionamento do simbólico e o modo como o sujeito do discurso nele se projeta se significando/ sendo significado como autor.

A noção de autoria com que trabalhamos diz respeito à produção de um lugar de interpretação em meio a outros lugares possíveis⁶. Esse gesto de interpretação se dá a partir da interpelação ideológica do sujeito em autor e, portanto, da sua filiação a uma dada memória, o que implica o seu posicionamento no interior de uma formação discursiva, compreendida aqui como um domínio de saber, regionalizações das formações ideológicas em que se dá a (re)produção de sentido, determinando o que (não) pode e (não) deve ser dito de um determinado lugar, a saber, no caso em tela, o do linguista ou, de forma mais ampla, o do cientista da linguagem. Assim sendo, consideramos que os gestos de interpretação apreendidos a partir do *Curso*, fundando uma nova tradição, instauram também um novo domínio de saber, a chamada Linguística Geral/Estrutural, que, como sinalizaram Pêcheux ([1981]1999) e também Chiss e Puech (1994), torna-se passagem obrigatória, ponto de retorno, para os sujeitos-linguistas e autores de estudos sobre a língua(gem), como Câmara Jr. e Bakhtin.

Ao evocarmos os nomes desses autores – faz-se preciso esclarecer –, não nos interessamos pelos indivíduos empíricos em si, mas pelos posicionamentos a que se identificam e pelas imagens a eles filiadas, produzindo um efeito de identidade para os sujeitos-autores e de (des)valorização para os textos que se reagrupam sob seus nomes.

⁵ Cf. NORMAND, [2000]2004 e CHISS; PUECH, 1994.

⁶ A noção de autoria trabalhada em AD foi deslocada das reflexões tecidas por Foucault em *A ordem do discurso* e em *O que é um autor?* (Cf. ORLANDI, 2007; COSTA, 2019).

Nesse sentido, entendemos que os nomes de autores⁷ também se constituem como lugar de memória, isto é, lugar em que uma dada memória se faz significar para que esses nomes e os textos neles reagrupados possam, inscrevendo-se na história dos estudos sobre a língua(gem), fazer sentido. Assim, ao ler Câmara Jr. e Bakhtin (re)lendo Saussure, buscaremos depreender como o retorno à memória fundada a partir do *Curso* se significa, produzindo ressonâncias, permanências, reconfigurações e rupturas nos textos filiados aos seus nomes ou, em outras palavras, tendo em vista as modalidades de subjetivação postuladas por Pêcheux ([1975] 2009), como os sujeitos-linguistas, ao se projetarem no dizer como autores, se posicionam em relação aos saberes filiados a essa memória⁸.

Resta ressaltar, por fim, que numa análise como a que nos propomos a fazer, em função da especificidade do nosso objeto, é preciso considerar três instâncias implicadas, a saber: o dizer de Saussure, o dizer sobre Saussure e o dizer a partir de Saussure⁹. Aqui, sem apagar os efeitos do primeiro, interessam-nos sobretudo os dois últimos. Consideramos os textos de Câmara Jr. e Bakhtin como dizeres constituídos a partir de Saussure nos quais os dizeres sobre Saussure produzem diferentes efeitos. Assim, remontando às suas condições de produção¹⁰, buscaremos compreender, tal como afirmaram Zanella, Branco, Costa e Medeiros (2016, p. 177):

o modo como a formulação da teoria vai sendo tecida no *Curso* e o modo como seus leitores a escutam; e o modo como esses dizeres ganham direção construindo veredas de sentidos que acabam por filiar-se a redes de memória, redes históricas de significação e a processos de relação de forças na sociedade.

2. O ESTILO E A ESTILÍSTICA EM CÂMARA JR.: (RE)LENDO SAUSSURE

No início de seu texto, publicado na década de 1960, Câmara Jr. ([1961] 2004, p. 173) afirma que o estilo é o objeto de “muitos estudiosos que se preocupam com os problemas fundamentais da linguagem humana”, mas que a abordagem dispensada carece de nitidez e de sistematicidade, pois associa indevidamente esse conceito “com outros conceitos firmemente estabelecidos em outros planos de apreciação do fenômeno

⁷ Essa noção também foi deslocada das reflexões tecidas por Foucault em *O que é um autor?* (Cf. COSTA, 2019).

⁸ De acordo com Pêcheux (op. cit.), o sujeito pode, em relação à formação discursiva dominante, identificar-se totalmente, assujeitando-se aos saberes por ela organizados, desidentificar-se, havendo um trabalho de transformação-deslocamento, isto é, de reconfiguração ideológica dos saberes a ela filiados, ou ainda contraidentificar-se, distanciando-se dos saberes a ela filiados, com eles rompendo ideologicamente e, com isso, inscrevendo-se em outra formação discursiva.

⁹ Cf. ZANELLA, BRANCO, COSTA, MEDEIROS, 2016.

¹⁰ Sobre a operacionalização do conceito de condições de produção neste trabalho a partir da articulação entre AD e HIL, consideremos aqui uma vez mais o que diz Horta Nunes (2008, p. 110): “Tomando as diversas formas de discurso sobre a(s) língua(s) para análise, efetuam-se leituras que remetem esses discursos a suas condições de produção, considerando-se a materialidade linguística na qual eles são produzidos e evitando-se tomá-los como documentos transparentes ou simplesmente como antecessores ou precursores da ciência moderna. Tais discursos atestam, de fato, modos específicos de se produzir conhecimento em determinadas conjunturas históricas”.

linguístico”, quais sejam: de um lado, língua, fala (ou discurso) e estilo e, de outro, língua coletiva e língua individual.

A alusão a essas “confusões” faz significar, na obra do linguista brasileiro, as famosas dicotomias instauradas no âmbito dos estudos da linguagem a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, livro póstumo atribuído a Ferdinand de Saussure e publicado em 1916 por Charles Bally e Albert Sechehaye. É o que lemos na seguinte passagem:

A primeira dessas distinções – “língua” e “discurso” – é hoje um lugar comum nos estudos linguísticos, desde que a formulou de maneira lapidar Ferdinand de Saussure, o grande renovador da metodologia e da conceituação da ciência da linguagem nas primeiras décadas deste século. Nem sempre, porém, essa distinção é aprendida no exato espírito do mestre, pois há uma tendência sub-reptícia a associar ‘discurso’ com a linguagem individual e a ‘língua’ com a linguagem coletiva”. (CÂMARA JR., [1961] 2004, p. 173) [sublinhados meus]

Antes de nos determos à análise da sequência acima, faz-se necessário observar alguns pontos concernentes às condições de produção do *Curso de Linguística Geral*. Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que Saussure não escreveu o *Curso*. O livro não foi simplesmente encontrado e publicado após a morte do mestre genebrino, ele foi compilado por Bally e Sechehaye a partir de diferentes fontes. O objetivo inicial dos editores, que haviam frequentado em momentos distintos as aulas de Saussure, era, conforme lemos no prefácio do *Curso*, publicar as suas anotações referentes aos três últimos cursos de Linguística Geral ministrados em 1907, 1908/1909 e 1910/1911 na Universidade de Genebra, cursos estes nos quais nenhum dos dois estava presente. Porém, ao contrapor os cadernos dos alunos de Saussure às anotações cedidas por sua esposa, perceberam que muito pouco correspondia aos cadernos dos discípulos. Em função disso, para que o projeto viesse a cabo, deu-se um trabalho de “recorte e cola” dos cadernos dos alunos por parte dos editores, que também decidiram a ordem dos assuntos e preencheram as lacunas encontradas. Ou seja, o *Curso* em si já é o produto de diferentes gestos de interpretação – dos alunos, dos editores – sobre os dizeres de Saussure. A esses gestos, a partir da sua publicação, somam-se muitos outros, os quais contribuíram para a historicização do nome de Saussure nos estudos da linguagem e, posteriormente, nas ciências humanas e sociais.

Conforme Colombat, Fournier e Puech (2010), a fidedignidade do *Curso* foi questionada desde a sua publicação por linguistas próximos ao mestre genebrino, mas os ânimos se apaziguaram com as releituras desenvolvidas a partir do Congresso de Haia, em 1928, pelo chamado Círculo de Praga. No final da década de 1990, contudo, com a publicação de manuscritos até então desconhecidos essa questão foi retomada. A despeito disso, os diversos gestos de interpretação produzidos, a partir do final da década 1920, sobre a obra publicada em 1916 – diga-se: três anos após a morte do linguista – a significaram como marco inaugural da ciência Linguística. Isso porque se entende que, com a sua publicação, define-se, à luz da corrente positivista e do pensamento cartesiano em voga na época, o objeto dessa disciplina, qual seja: a língua, vista enquanto sistema

abstrato, isto é, apartado das suas condições concretas de uso¹¹. Em nome da produção de um imaginário de “cientificidade” dos estudos linguísticos, estabeleceu-se, então, uma série de dicotomias, as quais, conforme Zanella, Branco, Costa e Medeiros (2016), os discursos sobre a teoria saussuriana empregaram para inscrever/descrever a noção de duplo presente na reflexão de Saussure, isto é, as dualidades que vieram a lume com a publicação dos *Escritos*, em 2002¹². Para os autores,

dizer das dualidades como ‘dicotomias’ produz o efeito de ‘didaticamente produtivo’, diferente do que hoje sabemos formulado nos *Escritos*. Nesse texto, Saussure, ao escolher entrar pela ‘dupla essência’, aponta para a dificuldade da noção de dualidade ao se dispor encontrar um ponto de partida central, um modo de entrar nesse *pântano* que é a língua – em nenhum momento, é possível ler uma *dualidade* simples/ imediatista/ confortável/ fácil/ dicotômica. (ibid., p. 178) [itálico dos autores]

Assim, a consequência desse apagamento da complexidade da dupla essência postulada por Saussure e das leituras que foram produzidas e naturalizadas sobre as dicotomias apresentadas no *Curso* foi, em última instância, a produção do efeito de exclusão do *falante*, da *história*, do *sentido* e, por conseguinte, do *estilo* do escopo dessa disciplina. É, então, a Linguística assim formulada que, em meados da década de 1950, se significa como “ciência piloto” das ciências humanas e sociais e que passa a ser criticada, a partir da década de 1960, no domínio das ciências da linguagem, com a emergência de posicionamentos que colocam a necessidade de se pensar o funcionamento da língua além do limite da frase, isto é, na sua relação com o texto, com a enunciação e com o discurso. Voltaremos a essa última questão mais adiante.¹³

Para Câmara Jr., que se filia à tradição fundada pelo *Curso*, visto que não teve acesso aos *Escritos* ou aos outros textos autógrafos de Saussure, a exclusão do estilo ocorre, como podemos ler no recorte apresentado anteriormente, em função das confusões conceituais criadas pelos estudiosos, o que, segundo o autor, os levou “(...) a deformar, por simplismo teórico, a dicotomia que aprenderam em Saussure” (CÂMARA JR., [1961] 2004, p. 173). Note-se que, no dizer de Câmara Jr., Saussure é significado como uma referência fundamental. Ele formulou de “maneira lapidar” os

¹¹ Note-se aqui que, embora esse seja o sentido que se instaurou hegemonicamente, no *Curso*, não se ignora a faceta social (coletiva) e individual da língua, ainda que o termo social compareça com um sentido diferente daquele que vinha sendo trabalhado na época por outros linguistas, como Vendryes e Meillet, como podemos ler em: “*Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo*” (SAUSSURE, 1975, p. 21).

¹² O livro intitulado *Escritos de Linguística Geral* é uma antologia compostas por textos de autoria de Saussure produzidos em diferentes épocas. O texto em que o mestre genebrino formula as dualidades intitula-se “Sobre a essência dupla da linguagem” e foi escrito em 1891, aproximadamente (Cf. CHIDICHIMO; GAMBARARA, 2008).

¹³ As condições de produção e (re)leitura do *Curso de Linguística Geral* envolvem aspectos mais complexos que aqui, por uma questão de espaço, sintetizamos e, conseqüentemente, simplificamos em demasia. Ao leitor que deseja uma análise mais aprofundada a respeito, sugerimos consultar: Gadet (1996); Normand ([2000]2004); De Lemos, De Vitto, Andrade, Silveira (2003); Colombat, Fournier, Puech (2010); Faraco (2016); Puech (2016); Turra (2018), entre outros.

estudos linguísticos. Logo, se há algum desajuste nesses estudos, a responsabilidade não é sua, mas dos estudiosos que deformaram “por simplismo teorético” as suas dicotomias. Aqui se faz preciso lembrar que a primeira grande dicotomia instaurada no *Curso* é entre *langue* e *parole*, termos traduzidos pelo linguista brasileiro como *língua* e *discurso*, respectivamente. *Discurso*, contudo, não é a tradução para *parole* mais corrente no Brasil. Na literatura especializada – assim como na edição brasileira traduzida do *Curso* –, comumente encontramos o vocábulo *fala*. Porém, entendemos, como buscaremos demonstrar adiante, que tal substituição é significativa no quadro mattosiano. Diz Câmara Jr. ([1961] 2004, p. 174):

Para quem analisar as palavras do mestre objetivamente (...), a oposição entre ‘língua’ e ‘discurso’ surge sob uma luz muito diversa: discurso (Saussure diz em francês *parole*) é a enunciação vocal integralmente considerada, ao passo que a língua (*langue*) é o sistema, o padrão, a estrutura, a pauta que transponta do discurso e estabelece comunicação linguística. O discurso é o fenômeno físico da enunciação; a língua é o que aí funciona como símbolo e serve de veículo à transmissão de ideias. A língua está contida no discurso, como as figuras geométricas estão contidas nas coisas físicas que temos diante de nós. Da mesma sorte que o geômetra, em face uma pedra, deduz o sólido geométrico (desprezando todos os elementos que ficam fora desse sólido ideal), o linguista, em face da enunciação, deduz o sistema, o padrão, a “língua” enfim, que ali está imanente e constitui um “sólido” simbólico, por assim dizer. [sublinhados meus]

Como podemos ler no excerto, do lugar a partir do qual fala o linguista brasileiro, *parole* não é significada simplesmente como a fala individual, mas como o ato de enunciação em si, o qual não é considerado somente como da ordem do indivíduo: “Que no discurso há elementos individuais é inegável, mas nem tudo nele é necessariamente individual” (ibid., p. 174) – afirma o autor. Para justificar esse posicionamento, cita-se como exemplo a fanhoseidade, a qual, sob essa perspectiva, pode ser considerada um fato do discurso típico tanto de determinados indivíduos (aspecto individual), como também de povos que se particularizam por uma emissão fanhosa (aspecto coletivo)¹⁴. Apesar dessa sua faceta coletiva, ainda que se entenda que “a língua está contida no discurso”, que dele ela “transponta” para estabelecer “comunicação linguística”, como podemos ler na sequência acima, o discurso não é considerado também em Câmara Jr. como objeto da ciência Linguística. Ao linguista, “em face da enunciação”, cabe deduzir “o sistema, o padrão, a ‘língua’” que no discurso se encontra imanente. Chama atenção aqui também a visão utilitarista da língua, que se entende *servir* “de veículo de transmissão de ideias” para estabelecimento da comunicação, ainda que essa sua função também não seja tomada como objeto.

Ainda visando respaldar esse posicionamento, pontua-se que a nasalidade é também um fato da língua porque se configura como um traço distintivo, apresentando como exemplo o par opositivo *sinto* (do verbo *sentir*) e *cito* (do verbo *citar*), em que a única diferença fonológica é o traço nasal ou oral da vogal /i/. Ou seja, o mesmo “fenômeno” – a nasalidade – pode ser visto, se não estabelecer oposição distintiva no sistema linguístico, como sendo da ordem do discurso, passando, no caso em tela, a ser

¹⁴ Seria esse o caso, por exemplo, de um determinado dialeto paulista em que a emissão das vogais ocorre de forma anasalada, caracterizando, assim, um determinado grupo social dessa região.

chamado de “fanhosidade”, ou da língua, se estabelecer oposição distintiva. O segundo, sob essa perspectiva, é da alçada do linguista; o primeiro, independentemente de ser individual ou coletivo, não. A esse respeito, faz-se interessante observar a comparação estabelecida entre o fazer do linguista e o do geômetra, comparação esta que se projeta no dizer do linguista como efeito da significação da ciência Linguística segundo a ideologia cientificista-positivista-cartesiana.

Desse modo, conclui-se: “uma vez assim compreendido ‘discurso’, vem que não é possível associá-lo, de longe sequer, com o ‘estilo’. O estilo também pertence à língua, pois é um sistema simbólico que transponta do discurso” (ibid., p. 175). Como podemos ver, no dizer de Câmara Jr., o estilo não se associa ao discurso, mas à língua. Assim sendo, a não associação de estilo e discurso se justifica devido ao fato de o primeiro ser tomado, assim como a língua, como “um sistema simbólico” que “transponta” do segundo. Faz-se preciso entender, então, para compreender a diferença entre estilo e língua, o que desse lugar se considera como sistema simbólico.

Mobilizando o quadro proposto pelo psicólogo austríaco Karl Bühler, para quem a comunicação se estabelece a partir de um modelo triádico que envolve *destinador* (aquele que fala), *destinatário* (com quem se fala) e *contexto* (sobre o que se fala)¹⁵, Câmara Jr. afirma que a língua está associada à função simbólica (representativa, referencial) da linguagem, uma vez que estrutura o mundo em que vivemos (o que Bühler chama de contexto) e permite que façamos dele um assunto de comunicação social. Já o estilo está associado às funções psíquica (emotiva) e apelativa da linguagem, centradas no quadro de Bühler, respectivamente, no destinador e no destinatário. Daí considerar que o estilo é “um conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo (...)” (ibid., p. 175), isto é, ele ocorre em mensagens em que o destinador tem por objetivo expressar as suas emoções e agir sobre o destinatário visando a um determinado objetivo. Por isso, para Câmara Jr. (ibid., p. 175), “Saussure, quando conceituou a ‘língua’ em puras bases representativas, ‘mutilou’, por assim dizer, a linguagem e obteve um conceito abstrato, fora da concreticidade do intercâmbio linguístico”. Ou seja, embora não rompa com o domínio de saber filiado ao nome de Saussure, Câmara Jr. desidentifica-se aqui do conceito de língua que dele emana, opondo-se à sua abstração e reivindicando a retomada do que coloca como “a concreticidade do intercâmbio linguístico”, ainda que, como vimos, para ele, o discurso, a enunciação, e a comunicação estejam fora desse domínio.

E isso porque a linguagem torna-se, sob essa ótica, mutilada, e o conceito de língua – e, por conseguinte, a ciência Linguística – lacunar, surgindo, então, a necessidade de completá-los. Teria cabido essa missão a Charles Bally, aquele mesmo que participou da compilação do *Curso*. Ele, conforme Câmara Jr. (ibid., p. 175), “se dedicou não a repetir o mestre, mas a completá-lo, focalizando o estilo em todo fato de língua, e assim estabelecendo a disciplina estilística”. Aqui, faz-se preciso, não só a título de curiosidade, mas também para uma maior compreensão das condições em que se historicizaram os estudos da linguagem, fazermos uma breve digressão.

¹⁵ Cf. Chalhub (1999).

Segundo Sofia (2015), havia uma assimetria entre Bally e Sechehaye mesmo antes de eles se unirem para compilar o *Curso*. Embora ambos tenham sido alunos de Saussure e o tenham inclusive substituído, em 1912, na Universidade de Genebra por ocasião de uma licença de saúde, o nome de Sechehaye como discípulo de Saussure foi por muito tempo apagado, ao passo que Bally era considerado seu sucessor natural. Além disso, o autor destaca que Sechehaye não foi o primeiro parceiro escolhido por Bally para a compilação do *Curso* e que, mesmo após o estabelecimento da parceria, a relação entre os dois continuou tensa, sendo boa parte dos debates travados registrados em cartas trocadas entre setembro e dezembro de 1913, momento em que Sechehaye havia se mudado de Genebra para o campo por motivos de doença enquanto Bally assumia a cadeira que havia sido de Saussure na Universidade. Ou seja, toda a primeira parte da organização da publicação do *Curso* foi resolvida por meio dessas cartas, nas quais se depreende um impasse em relação não só ao método a ser empregado, mas também à forma de participação de cada um no processo de compilação do livro, já que Bally aparentemente desejava impor a Sechehaye um papel secundário.

De acordo com Sofia (ibid.), nas cartas, é possível perceber a constante preocupação de Sechehaye em ser fiel às ideias de Saussure sem misturá-las com as suas próprias. Por outro lado, como observa a partir de uma carta enviada por Sechehaye a Bally comentando o texto da sua aula inaugural na Universidade de Genebra, esse último havia extraído das lições do mestre elementos que serviram para construir o seu próprio quadro teórico, mas tinha dificuldade de reconhecer os aspectos em comum, abordando-os como se fossem novidade. Dentre esses aspectos estaria, conforme uma das cartas de Sechehaye a Bally, a questão do estilo. É o que se pode depreender da leitura da seguinte passagem do manuscrito da referida carta citada por Sofia (BGE. Ms. fr. 5004, f. 190 apud SOFIA p. XL):

O próprio Saussure reservou espaço para uma parte do que você chama estilística no sentido de língua ainda insuficientemente fixada. Disse em alguma parte que no campo da sintaxe língua e fala se confundem, se encontram em um limite impreciso. [Tradução minha]¹⁶

Além de lembrar a Bally que a questão estilística já era algo mencionado por Saussure em suas aulas e por ele mesmo em um texto escrito em 1908¹⁷, Sechehaye em sua carta observa que, ao contrário do que postula Bally, esse fenômeno não lhe parece de origem puramente afetiva, mas também intelectual, imaginativa, bem como da ordem da simples imprecisão. A relação entre os fenômenos da linguagem e a afetividade, de um lado, e a inteligência¹⁸, de outro, também foi um ponto de querela entre os dois

¹⁶ No original: «S[aussure] lui-même a réservé la place pour une partie de ce que vous appelez stylistique dans le sens de langue encore insuffisamment fixée. Il a dit q[ue]lq[ue] part que dans le domaine de la syntaxe langue et parole se confondent, se rencontrent sur une limite imprécise».

¹⁷ O texto intitulado «La stylistique et la linguistique théorique» foi publicado no livro *Mélanges de linguistique*.

¹⁸ No *Curso*, os signos linguísticos são tomados como essencialmente psíquicos, como “realidades que têm sua sede no cérebro” (1975, p. 23). Acreditamos ser esse o sentido do termo inteligência (Sechehaye diz “intellectualisme”) nessa passagem. A língua seria, sob essa visão, um fenômeno estritamente intelectualivo (Sechehaye diz “intellectuel”), o estilo, por sua vez, embora não o deixe de ser, implica outros aspectos.

editores, visto que, conforme Sofia (ibid.), a primeira é o cavalo de batalha da Estilística de Bally, enquanto o segundo é inerente à Linguística teórica de Sechehaye – ponto de vista que este afirma compartilhar com Saussure e que, pensando em relação ao estilo, implica a sua inclusão nos estudos linguísticos. A despeito dessa discussão, fato é que essa temática foi suprimida da versão final do *Curso*, na qual não comparecem os termos *estilo* ou *estilística*, produzindo o sentido de falta, de mutilação da linguagem, observado no dizer de Câmara Jr. e, com isso, evidenciando efeitos do gesto de leitura produzido pelos editores no que concerne à (re)produção daquilo que seria o pensamento saussuriano.

Voltando ao texto de Câmara Jr, observamos, ainda em defesa da (re)inclusão dos estudos do estilo na Linguística, uma retomada da oposição entre individual e coletivo traçada no *Curso*¹⁹, postulando-se que o estilo possui os dois aspectos – assim como havia sido colocado em relação ao discurso. Diz o autor: “Que o estilo, assim entendido, é individual, não é uma verdade absoluta, mas apenas meia verdade. Há sempre nele um aspecto coletivo, que decorre de ele ser também, como a ‘língua’ saussuriana, um meio de comunicação social, embora no plano emocional” (CÂMARA JR., [1961] 2004, p. 176). Em outras palavras, se, por um lado, se concebe o estilo como individual no sentido em que expressa “o mundo dos sentimentos” dos indivíduos, assinalando a sua “personalidade”; por outro, sob essa perspectiva, também se concebe o seu caráter coletivo, porque – assim como a língua – ele expressa o “mundo das ideias”, estabelecendo comunicação entre os indivíduos de uma mesma comunidade, o que implica haver nele algo que é por todos os indivíduos compartilhado. Em virtude disso, para Câmara Jr., a caracterização do conceito de estilo não deve ocorrer a partir dessa oposição entre individual e coletivo, mas “sim pelo contraste do que é emocional em face do que é intelectual” (ibid., p. 176) – este na sua relação com a função representativa própria da língua outrora mencionada²⁰.

Revedo os autores que se dedicaram a refletir sobre o aspecto *emocional*, o linguista afirma que, além desse adjetivo, também é comum empregarem-se na literatura especializada os adjetivos *intuitivo* e *afetivo*²¹, os quais propõe que sejam substituídos por *estético*. Em defesa do seu ponto de vista, ele estabelece, primeiramente, uma distinção entre Gramática e Estilística, afirmando que à primeira cabe estudar a língua representativa, ao passo que à segunda caberia “depreender todos os processos linguísticos que permitem a atuação da manifestação psíquica e do apelo dentro da linguagem intelectual” (ibid., p. 176). Posteriormente, compara o lamento de um pai diante do túmulo do filho a um poema de Fagundes Varela que, intitulado *Cântico do calvário*, aborda o mesmo tema e conclui que, no primeiro, há expressão

¹⁹ Ver nota 11.

²⁰ Recordemos ainda a sinalização de Sechehaye a Bally ao afirmar que, para Saussure, no âmbito da sintaxe, língua e fala se confundem e que, para ambos (Sechehaye e Saussure), o fenômeno estilístico não implica apenas a afetividade, mas também a inteligência – aspecto esse que está associado à língua no quadro saussuriano.

²¹ Esse seria, como vimos, o caso de Bally segundo Sechehaye (Cf. SOFIA, 2015).

emotiva/afetiva/intuitiva, mas não há expressão estética, ao passo que, no segundo, há as duas, o que lhe permite afirmar, então, que há emprego de recursos estilísticos.

Posto isso, o linguista brasileiro destaca que é importante apreciar a disciplina Estilística à luz de duas distinções: “de um lado, as variedades da linguagem (língua popular, língua oral, língua escrita, língua literária); de outro, a personalidade individual em face da socialização” (ibid., p. 176). A essas distinções – de cuja oposição discorda – ele associa, respectivamente, os estudos desenvolvidos por Bally (Estilística da língua falada²²) e os estudos literários (Estilística Literária). Vejamos a crítica tecida por Câmara Jr. (ibid., p. 177):

Não serão ambas as atitudes um tanto falsas ou pelo menos parciais? Há uma escala em que estilo se intensifica, se matiza e até se transmuda, conforme o tipo da língua em que aparece, mas é inegável que aparece em todas e em todas segue pelas mesmas linhas mestras e deve ser objeto de estudo. (...) Estilo literário e gíria são, em verdade, os dois polos da estilística, pois ‘gíria’ não é língua popular, como pensam alguns, nem língua profissional, como supõem outros, mas apenas um estilo que se integra na língua popular. [sublinhados meus]

Como podemos observar, o argumento apresentado, a partir do lugar de que fala Câmara Jr., para negar a oposição entre uma Estilística literária (escrita) e uma Estilística da língua falada reside no fato de se considerar a existência de uma escala de usos em cujos polos situam-se, de um lado, aqueles que são próprios da literatura e, do outro, os que são próprios da chamada língua popular. Na reflexão filiada ao nome do linguista brasileiro, então, as gírias são alçadas ao mesmo patamar do chamado estilo literário, afirmando que tudo é apenas estilo, com a diferença de que, no caso da gíria, esse estilo “se integra na língua popular”. Com isso, propõe-se incluir no domínio dos estudos linguísticos não só os estilos que expressam a “personalidade individual” (por meio da escrita literária), mas também aqueles que expressam “as variedades da linguagem” (populares, orais). Feita essa observação, Câmara Jr. (ibid., p. 178) passa a caracterizar o que considera como “traços linguísticos estilísticos”:

(...) o estilo se caracteriza em regra por um desvio da norma linguística assente. Como a solução para se fazer da língua da comunicação intelectual o veículo das funções não intelectivas da manifestação psíquica e do apelo, ele é naturalmente levado a ‘deformar’ os fatos gramaticais, quando por eles aquelas funções não poderiam figurar. [sublinhados meus]

Vimos anteriormente que o linguista já havia proposto uma distinção entre Estilística e Gramática. Resta pontuar que a Gramática a que se referia naquele momento reduz-se à Gramática Normativa, o que o leva a significar o estilo como uma *deformação* dos fatos gramaticais, “um desvio da norma linguística assente”, isto é, disso que hoje se convencionou chamar de norma-padrão.

Após fazer essa caracterização, Câmara Jr. (ibid., p. 179) levanta uma questão final: se o estilo é um desvio, qual seria então a distinção entre estilo e erro? E responde: o estilo é um “conjunto de processos empregados para um fim estético”; já o erro “é a

²² É interessante observar que, embora, segundo Câmara Jr., Bally tenha focalizado “o estilo em todo fato de língua”, diz-se que a disciplina Estilística a ele filiada atém-se ao estudo da língua falada.

deformação que não leva a nada”. Aqui se faz necessário pontuar que essa concepção de erro presente no quadro mattosiano se filia à maneira como as dualidades saussurianas, notadamente *langue e parole*, a despeito dos distanciamentos observados anteriormente, foram interpretadas e se naturalizaram nos estudos da linguagem a partir de uma perspectiva científicista-positivista-cartesiana. Vimos que Câmara Jr. (ibid., p. 175), ao definir língua, estabelece uma sinonímia entre o sistema, a estrutura da língua e aquilo que considera como padrão: “a língua (*langue*) é o sistema, o padrão, a estrutura (...)”. É, então, a partir dessa perspectiva que se estabelece, nesse quadro, a oposição entre Gramática e Estilística e a dicotomia entre *certo* e *errado*, isto é, entre o que é da ordem da língua reduzida à norma-padrão e o que é da ordem da não língua: os desvios da norma-padrão. A proposta de Câmara Jr. consiste, assim, na consideração de um nível intermediário entre o que é da ordem da língua e o que não é – o estilo. Esse nível, porém, é também significado como não língua, visto que se opõe à língua enquanto norma-padrão, sendo considerado um desvio, uma deformação, que se difere do erro propriamente dito somente em virtude da sua finalidade estético-expressiva.

Ao mesmo tempo, no entanto, quando considera a oposição entre língua e discurso, como vimos, Câmara Jr. defende ser o estilo da ordem da primeira e não do segundo – ainda que se entenda que, assim como a língua, deste transponta –, devido ao fato de permitir a ela expressar aquilo que o seu sistema comprometido com a função representativa não permite. Note-se, assim, que, para reintroduzir os estudos do estilo na Linguística, são propostos deslocamentos, transformações de saberes filiados ao quadro teórico instituído a partir do *Curso*, promovendo a sua reconfiguração ideológica. Isto é, ao se projetar como autor, o sujeito desidentifica-se desse domínio de saber, sem, no entanto, com ele romper, mantendo a tensão instaurada entre o que está “dentro” e o que está “fora” do escopo da ciência Linguística e, por conseguinte, da própria língua.

Nesse imaginário, o estilo não pode ser considerado como da ordem do discurso, concebido enquanto ato de enunciação, porque isso significaria situá-lo “fora” da Linguística, mas também não é a língua, porque é tomado como desvio das normas inerentes ao seu funcionamento sistemático – este tomado enquanto norma-padrão apenas. Tais desvios, todavia, na medida em que fazem “da língua da comunicação intelectual o veículo das funções não-intelectivas da manifestação psíquica e do apelo”, são concebidos como “uma solução”, visto que, sem “deformar” os fatos gramaticais”, “aquelas funções não poderiam figurar” (CÂMARA JR, [1961] 2004, p. 178). Ou seja, não são a língua, nem o discurso, mas com a primeira se relacionam, numa relação de posse, a ela “pertencem”, possibilitando-lhe manifestar o seu potencial estético-expressivo – daí, tendo em vista essa relação em que a língua se mantém dominante e, portanto, intocável, apesar de serem concebidos como deformações dos fatos gramaticais, os desvios estilísticos se situarem, à luz da perspectiva mattosiana, “dentro” da Linguística.

Por fim, gostaríamos de destacar que, entendemos, com Zanella, Branco, Costa e Medeiros (2016, p. 198), que “ler Câmara Jr. lendo Saussure (...) nos possibilita observar o corte saussuriano em se fazendo no Brasil” e “nos deixa ver o incômodo que tal redução impôs aos estudos linguísticos”. Há, como vimos, na obra mattosiana uma tentativa de

superar esse incômodo, de repará-lo. No entanto, ao tentar fazer isso, no movimento de aproximar-se e afastar-se de conceitos (re)produzidos no cerne da tradição fundada a partir do *Curso*, a “substância escorregadia” ([2002] 2004, p. 21) de que Saussure nos fala, em “Sobre a essência dupla da linguagem”, escapa a Câmara Jr., e o mal-estar na/da ciência Linguística instaurado a partir do corte retorna por meio das aparentes incongruências que se fazem significar em seu dizer.

3. GÊNERO E ESTILO EM BAKHTIN: RESPONDENDO A SAUSSURE

Do outro lado do hemisfério, mais precisamente na Eurásia, décadas antes de Câmara Jr. publicar as suas considerações sobre o estilo, um jovem russo já sentia os efeitos do mal-estar na/da Linguística instaurado a partir do *Curso*. Nos prefácios de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) e *Estética da criação verbal* (1979), este último livro no qual se encontra o texto por nós aqui analisado, lemos que, embora Bakhtin tenha começado a escrever no final da década de 1920 e início da de 1930, sua obra só ganhou maior projeção a partir da década de 1960, chegando à América Latina nos anos 70 e ao Brasil nos anos 80. Tal situação é normalmente justificada pelos estudiosos bakhtinianos devido ao fato: 1) de os primeiros textos hoje filiados a esse nome de autor terem sido produzidos no cerne do chamado *Círculo de Bakhtin* e inicialmente publicados sob o nome de outros autores por se entender que ninguém era proprietário das ideias que ali circulavam, uma vez que todas eram fruto do diálogo²³; e 2) de Bakhtin ter ficado quinze anos exilado (1930-1945) por questões religiosas acusado de corromper os jovens e de, apesar de ter continuado a escrever durante esse período, seu nome ter sido silenciado na imprensa russa até a década de 1960, quando começou a se popularizar tanto nos estudos literários como nos linguísticos²⁴.

Independentemente dos motivos que teriam ocasionado a circulação tardia de seus dizeres, é interessante observar que até certo ponto Bakhtin foi contemporâneo de Saussure e seguia produzindo reflexões sobre o funcionamento da linguagem nos diferentes períodos de (re)leitura do *Curso*. Porém, o gesto de leitura filiado ao seu nome, como dissemos, só ganhou projeção a partir da década de 1960. Outro ponto a ser observado é que, para Bakhtin e seus discípulos, o dialogismo, noção formulada pelo menos desde *Marxismo e filosofia da linguagem*, não era apenas um conceito, mas uma

²³ Esse seria o caso, por exemplo, de *Marxismo e filosofia da linguagem*, que inicialmente foi publicado sob o nome de Valentin Voloshinov, discípulo de Bakhtin e membro do *Círculo*. Essa questão, todavia, é até hoje problemática. Conforme Leite (2011), embora nas edições mais recentes de *Marxismo e filosofia da linguagem* o nome de Bakhtin tenha sido incluído ao lado do de Voloshinov, há teóricos que defendem a autoria do primeiro, como o faz Yaguello (1991) na apresentação à edição brasileira, mas também há teóricos, como Faraco (2009), que refutam essa tese.

²⁴ Há ainda quem afirme que a perseguição sofrida por Bakhtin tenha sido o fator determinante para que autorizasse que suas obras fossem publicadas sob o nome de outras pessoas. Para Yaguello (1991), porém, o emprego de um “testa-de-ferro” se justifica devido à “profunda modéstia científica” de Bakhtin e à sua recusa em fazer as modificações sugeridas pelo editor, o que teria sido resolvido por seus discípulos.

prática, já que concebiam que o conhecimento ali produzido, sendo fruto do diálogo, não era de autoria de um, mas de todos.

É justamente nesse ponto que a proposta de Bakhtin se distancia da teoria saussuriana e também da proposta mattosiana, ainda que, como defenderemos adiante, Saussure seja significado, no imaginário dialógico projetado no texto aqui analisado, como seu interlocutor e o quadro teórico filiado ao nome de Bakhtin como uma “atitude responsiva ativa” ao saussurianismo. Assim, a sua contraidentificação a este que foi significado como discurso fundador da ciência Linguística se dá em função da necessidade que se impõe de considerar o que se toma por enunciado como objeto desse domínio. Apesar de assim como Saussure, o do *Curso*, considerar a língua como um fato social, Bakhtin defende que justamente por isso é impossível concebê-la apartada das situações concretas de uso, da enunciação e, por conseguinte, do que teria chamado, em seu quadro teórico, de discurso.

Sobre a noção de discurso em Bakhtin cabe aqui pontuar que, conforme Sériot, embora essa palavra figure em muitas traduções da obra bakhtiniana em português, francês e espanhol, “o termo, a noção, o conceito, a ideia mesma de *discurso não tem nenhuma existência na Rússia*” (SÉRIOT, 2018, p. 35). O autor chama ainda atenção para o fato de que, nessas traduções, o vocábulo *discurso* é empregado para referir-se a “termos muito diversos do texto original” (ibid., p. 36), como, por exemplo, no sintagma “gêneros do discurso” que intitula o artigo por nós aqui analisado e no qual seria mais adequado comparecer, no lugar da locução *do discurso*, a locução *do texto* ou o adjetivo *textuais*. O apagamento dessa historicidade nas (re)leituras de Bakhtin depreendidas no meio acadêmico brasileiro tem inclusive como efeito a associação do seu nome a um domínio de saber significado como “Análise de discurso bakhtiniana”, a qual, segundo Sériot, é “totalmente desconhecida na Rússia” (ibid., p. 38). Por fim, lembremos aqui também que Câmara Jr. considera um certo sentido de enunciação em seu quadro teórico, mas, ao contrário de Bakhtin, a situa fora do domínio dos estudos da linguagem.

No que concerne ao saussurianismo, cabe pontuar ainda que, apesar de até as últimas décadas do século XX ter-se ignorado o desenvolvimento de uma teoria do discurso saussuriana, essa perspectiva muda, conforme Testenoire (2016), devido a dois fatores, a saber: 1) a desassociação de uma ideologia reacionária ao conceito de língua saussuriano, até então entendido como associial e a-histórico e, portanto, como obstáculo ao desenvolvimento de uma linguística materialista; e 2) a disponibilização de textos autógrafos de Saussure. Segundo o autor, nos anos 1970, o conceito de discurso era apresentado nos manuais linguísticos como uma novidade em relação à Linguística saussuriana, sendo associado a diferentes nomes de autor do domínio linguístico, como o de Bakhtin, sem se considerar que a emergência do conceito de discurso se devia “a uma intensa discussão dos conceitos saussurianos e, particularmente, aos ativos debates sobre a distinção ‘língua/fala’” (ibid., p. 106). Contudo, num período de trinta anos, em função dos fatores supracitados, essa situação mudou, de modo que na última década desse século “a obra de Saussure foi sendo progressivamente considerada como um pensamento que contém uma reflexão produtiva sobre o discurso” (ibid., p. 109).

Essa reavaliação, para Testenoire, começou a ser apreendida a partir da releitura de documentos antigos que já eram de conhecimento público – quais sejam: cadernos de alunos, anotações de aulas, notas Item²⁵ –, nos quais se começou a observar o comparecimento do adjetivo *discursivo*, empregado por vezes como substantivo *o discursivo*, e ganhou maior notoriedade com a publicação dos *Escritos*²⁶, ressignificando retrospectivamente a obra de Saussure. Note-se, então, que a ruptura apontada nos manuais da década de 1970 analisados por Testenoire se dá em relação ao *Curso* e aos gestos de interpretação sobre ele apreendidos. É também, pois, em relação ao *Curso*, isto é, em relação àquilo que anteriormente chamamos de dizeres sobre Saussure, que Bakhtin, assim como outros teóricos, irá formular o seu quadro teórico, o qual se constitui, portanto, como um dizer a partir de Saussure.

Pêcheux não viu acontecer a reavaliação apontada por Testenoire, mas de certo modo testemunhou o momento anterior apontado pelo historiador francês. Sendo assim, em um texto escrito originalmente na década de 1980, ao comentar uma conferência proferida por Benveniste, na década de 1960, por ocasião do cinquentenário da morte do mestre genebrino, assevera que “o efeito Saussure não constitui, em hipótese alguma, um ponto de não-retorno”. Para ele, no entanto, àquela altura poucos eram os linguistas que se filiavam teoricamente ao quadro saussuriano: “a maior parte das forças da Linguística” pensava “contra Saussure” e debandava para outras áreas de conhecimento (PÊCHEUX, [1981]1999, p. 9). É, pois, como lugar de retorno obrigatório que Saussure se faz presente em Bakhtin nesse momento que Pêcheux caracteriza como sendo de tendência “antissaussuriana”, momento de “diáspora” e, portanto, de ruptura ideológica em relação ao saussurianismo.

Em “Os gêneros do discurso”, texto publicado inicialmente sob o título “O problema dos gêneros do discurso”, em 1952-1953, Bakhtin ([1952-1953] 1997, p. 279) afirma já no primeiro parágrafo:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elaborava seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. [sublinhados meus]

Com base na sequência acima, podemos afirmar que o teórico russo, ao se projetar/ ser projetado no dizer como autor, relaciona os estudos da língua(gem) aos estudos do enunciado e, portanto, das situações concretas de uso e insere nessa reflexão o conceito de gêneros do discurso, o qual, do lugar em que se inscreve, é concebido como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. Além disso, estabelece que todo enunciado é

²⁵ Anotações de Saussure em forma de tópicos.

²⁶ Cf. Notas sobre o discurso ([2002]2004, pp. 235-238).

composto por três elementos que se fundem indissolúvelmente, quais sejam: conteúdo temático, construção composicional e estilo, o qual diz respeito, em seu quadro, aos recursos linguísticos mobilizados. Cabe ressaltar que, ao afirmar a impossibilidade de separação desses três elementos, Bakhtin distancia-se da concepção de língua entendida enquanto sistema abstrato presente no quadro teórico saussuriano.

A crítica ao saussuriano será retomada adiante. Por ora, notemos ainda que o conceito de gênero tal como formulado em Bakhtin coloca-se como uma inovação no sentido em que amplia a tradicional divisão triádica aristotélica dos gêneros literários (lírico, épico e dramático). E isso porque, ao se considerar a relação com as diferentes esferas de atividades humanas, concebe-se que os gêneros não se restringem ao âmbito literário ou a tipos especiais de enunciados de natureza verbal. Ao contrário, compreende-se desse lugar que a comunicação, oral ou escrita, se dá por meio de enunciados, os quais, embora considerados isoladamente sejam individuais, porque produzidos por indivíduos, possuem, se pensados na sua relação com os gêneros do discurso, um aspecto geral, necessário ao estabelecimento da interação verbal. Desse modo, o teórico russo, assim como Câmara Jr., se posiciona em prol da reinserção do estudo do estilo nos estudos da linguagem. Em seu dizer, os estudos dos gêneros literários, tanto na Antiguidade Clássica quanto na contemporaneidade, são significados como limitados no sentido em que se restringem ao aspecto artístico-literário, já que neles os gêneros não são concebidos “enquanto tipos particulares de enunciados que se diferenciam de outros tipos de enunciados, com os quais contudo têm em comum a natureza verbal (linguística)” (BAKHTIN, *ibid.*, p. 280). É, pois, nesse fato que se considera residir o “problema da Linguística Geral”, que, como sabemos, é filiada, na história dos estudos da (língua)gem, ao nome de Saussure, o do *Curso*. Vejamos o que diz Bakhtin (*Ibid.*, pp. 280-281):

O problema de linguística geral colocado pelo enunciado, e também pelos diferentes tipos de enunciados, quase nunca foi levado em conta. Estudaram-se também – a começar pelos da Antiguidade – os gêneros retóricos (e as épocas posteriores não acrescentaram nada de relevante à teoria antiga). Então dava-se pelo menos maior atenção à natureza verbal do enunciado, a seus princípios constitutivos tais como: a relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado, a conclusão verbal peculiar ao enunciado (diferente da conclusão do pensamento), etc. A especificidade dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos) encobria porém a natureza linguística do enunciado. E, por fim, estudaram-se os gêneros do discurso cotidiano (principalmente a réplica do diálogo cotidiano), e fazia-se-o justamente do ponto de vista da linguística geral (a escola de Saussure e seus continuadores mais recentes — os estruturalistas, os behavioristas americanos, os discípulos de Vossler que, aliás, tinham uma base totalmente diferente). Mas, também nesse caso, o estudo não podia conduzir à definição correta da natureza linguística do enunciado, na medida em que se limitava a pôr em evidência a especificidade do discurso cotidiano oral, operando no mais das vezes com enunciados deliberadamente primitivos (os behavioristas americanos). [sublinhados meus]

Com a referência ao domínio de saber da Linguística Geral e ao nome de Saussure e de seus continuadores, o dizer de Bakhtin se significa/ é significado como uma “atitude responsiva ativa” a um dizer anterior, a saber: o *Curso* / os gestos de interpretação apreendidos a partir dele. Expliquemos. Já nos parágrafos iniciais do artigo, projeta-se imaginariamente uma relação dialógica em que Saussure é posto como interlocutor de

Bakhtin, sendo o que toma como o “problema” da Linguística Geral a partir disso então significado: a Linguística não leva em consideração o enunciado e os diferentes tipos de enunciados e, com isso, não é capaz de definir adequadamente a sua natureza linguística. Assim, é atribuído ao quadro saussuriano um sentido de insuficiência, limitação, esgotamento, o que justifica a emergência de um novo quadro teórico.

Os gêneros, como vimos, são, desse lugar, tomados como enunciados relativamente estáveis em que conteúdo temático, estilo e construção composicional se fundem indissolúvelmente. Isso significa que, nesse quadro, a apreensão de uma análise estilística de qualquer texto pressupõe a consideração do gênero a que pertence e, portanto, dos outros elementos que o constituem. No que concerne especificamente ao estilo, postula-se:

O estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso. O enunciado – oral e escrito, (...) em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve). Em outras palavras, possui um estilo individual. Mas nem todos os gêneros são igualmente aptos para refletir a individualidade na língua do enunciado, ou seja, nem todos são propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários - neles o estilo individual faz parte do empreendimento enunciativo enquanto tal e constitui uma das suas linhas diretrizes (...). As condições menos favoráveis para refletir a individualidade na língua são as oferecidas pelos gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, tais como a formulação do documento oficial, da ordem militar, da nota de serviço, etc. (...) A definição de um estilo em geral e de um estilo individual em particular requer um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso. (ibid., pp. 282-283) [sublinhados meus]

Em primeiro lugar, notemos que é estabelecida aqui uma distinção entre individual e individualidade. Os enunciados, na perspectiva bakhtiniana, são individuais porque são produzidos por indivíduos e, justamente por isso, podem apresentar a individualidade de quem fala e escreve. A esses traços de individualidade Bakhtin chama de *estilo individual*, ressaltando que há gêneros mais flexíveis – como os literários – e, portanto, mais aptos para o seu comparecimento e outros mais padronizados – como os documentos oficiais – e, por conseguinte, menos propícios. Em seguida, retomando a dualidade saussuriana entre o que é da ordem do individual e do coletivo, a esse estilo designado individual Bakhtin opõe um *estilo geral*, ressaltando que, para defini-los, é necessário “um estudo aprofundado da natureza do enunciado e da diversidade dos gêneros do discurso”.

Em defesa desse posicionamento, continua:

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. O estilo é indissociavelmente vinculado a unidades temáticas determinadas e, o que é particularmente importante, a unidades composicionais: tipo de estruturação e de conclusão de um todo, tipo de relação entre o locutor e os outros parceiros da comunicação verbal (relação com o ouvinte, ou com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro, etc.). O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado. (ibid., p. 284) [sublinhados meus]

Como podemos apreender a partir da sequência acima, o estilo geral referido na passagem anterior diz respeito ao estilo próprio de um gênero considerado como elemento indissociável dos demais elementos, uma vez que concorre para a estruturação da sua unidade. Daí, tendo em vista a sua indissociabilidade, concluir: “Quando há estilo, há gênero” (ibid., p. 286). Observemos que, com isso, do lugar de que fala Bakhtin, promove-se a reinserção anunciada no início do texto do estilo nos estudos linguísticos: o estilo é inerente ao gênero, é elemento estruturador da sua unidade. Os gêneros são enunciados relativamente estáveis, e os enunciados, como vimos, têm natureza linguística. O caráter relativamente estável da unidade dos gêneros, porém, é o que possibilita, nesse quadro, o comparecimento, ao lado do estilo geral, do chamado estilo individual. Considerando, então, a relação entre estilo geral e estilo individual, advoga-se que o estudo dos gêneros é “absolutamente indispensável para uma elaboração produtiva de todos os problemas da estilística” (ibid., p. 286). Ou seja, sob essa perspectiva, fazer estudo estilístico é estudar gêneros, e estudar gêneros é estudar língua.

Lembremos aqui que, também no quadro mattosiano, a oposição entre individual e coletivo instaura um mal-estar, tanto no que diz respeito ao conceito de *parole* quanto ao de estilo, de modo que se torna necessário promover a transformação-deslocamento dos sentidos atribuídos a esses conceitos. No tocante ao conceito de estilo, tal mal-estar impõe que se evoque, para a sua reintrodução nos estudos linguísticos, o seu aspecto geral/coletivo, mas lá a esse aspecto é atribuído um outro sentido. Para Câmara Jr, o aspecto coletivo do estilo reside no fato de “ele ser também, como a ‘língua’, um meio de comunicação social, embora no plano emocional” ([1961] 2004, p. 176). O estilo, portanto, sob essa perspectiva, como vimos, não é, como em Bakhtin, a língua em si, mas “uma solução” que, mantendo a tensão entre o que está “dentro” e “fora” da Linguística, permite que a língua veicule “funções não-intelectivas da manifestação psíquica e do apelo” (ibid., p. 178), o que, no quadro bakhtiniano, a depender do gênero, pode estar mais próximo do que se designou como estilo individual.

Voltemos a Bakhtin. Dando prosseguimento à sua crítica à Linguística, o teórico russo afirma o caráter dialógico de todo e qualquer enunciado e ressalta a existência de “uma atitude responsiva ativa”. Esta pode ser uma concordância total ou parcial executada por meio de um acenar de cabeça ou de enunciados pelo ouvinte, de modo que este, ao responder, deixa de ser ouvinte e torna-se locutor. O locutor, então, sob essa ótica, ao mesmo tempo em que postularia em seu dizer essa atitude por parte do ouvinte de acordo com as suas expectativas e intenções comunicativas, tentaria presumi-la e, ao fazer isso, a resposta presumida influenciaria o seu dizer por meio de objeções, restrições, antecipações etc. Leiamos o que diz Bakhtin ([1952-1953] 1997, p. 290):

Na linguística, até agora, persistem funções tais como o “ouvinte” e o “receptor” (os parceiros do “locutor”). Tais funções dão uma imagem totalmente distorcida do processo complexo da comunicação verbal. Nos cursos de linguística geral (até nos cursos sérios como os de Saussure), os estudiosos comprazem-se em representar os dois parceiros da comunicação verbal, o locutor e o ouvinte (quem recebe a fala), por meio de um esquema dos processos ativos da fala no locutor e dos processos passivos de percepção e de compreensão da fala no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos aspectos reais, mas quando estes esquemas pretendem representar o todo real da comunicação verbal se transformam em ficção científica. De fato, o ouvinte que recebe e compreende

a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenda de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. [sublinhados meus]

Na sequência acima, a alusão à linguística e, metonimicamente, aos cursos de linguística geral, notadamente ao que se filia ao nome de Saussure, atribui mais uma vez a esse quadro teórico um sentido de insuficiência e, nesse caso, até de falha, já que se entende que, a partir desse lugar, se produz “uma imagem totalmente distorcida do processo complexo da comunicação verbal”. Essa distorção ocorreria devido à não consideração do que se toma por “uma atitude responsiva ativa”, a qual se entende ser, nas situações concretas de uso, inerente ao processo de compreensão de um enunciado. Note-se que há, no dizer de Bakhtin sobre o quadro a que se filia o nome de Saussure, um certo cuidado ao desqualificá-lo, afirmando, primeiramente, que a distorção referida ocorre “até nos cursos sérios como o de Saussure” e, em seguida, que “não se pode dizer que esses esquemas são errados e não correspondem a certos aspectos reais”. Não se pode dizer; porém, se diz, uma vez que se entende que a pressuposição de uma compreensão passiva implica uma abstração de um fato real e, por conseguinte, a produção de uma “ficção científica”. Observemos que toda a reflexão de Bakhtin se fundamenta a partir do distanciamento e da negação do quadro teórico saussuriano. Foi, pois, nesse sentido que afirmamos anteriormente que, supondo-se colocar a própria teoria em funcionamento, especificamente o conceito de dialogismo, produz-se um imaginário em que Saussure é significado como interlocutor de Bakhtin e o quadro teórico filiado ao nome deste como uma resposta à tradição fundada a partir do *Curso*.

Nessa “resposta”, postula-se ainda que a consideração dos gêneros é um fator tão importante quanto a das formas da língua para o entendimento recíproco entre interlocutores, como podemos ler na sequência a seguir:

É de acordo com nosso domínio dos gêneros que usamos com desembaraço, que descobrimos mais depressa e melhor nossa individualidade neles (quando isso nos é possível e útil), que refletimos, com maior agilidade, a situação irreproduzível da comunicação verbal, que realizamos, com o máximo de perfeição, o intuito discursivo que livremente concebemos.

Portanto, o locutor recebe, além das formas prescritivas da língua comum (os componentes e as estruturas gramaticais), as formas não menos prescritivas do enunciado, ou seja, os gêneros do discurso, que são tão indispensáveis quanto as formas da língua para um entendimento recíproco entre locutores. Os gêneros do discurso são, em comparação com as formas da língua, muito mais fáceis de combinar, mais ágeis, porém, para o indivíduo falante, não deixam de ter um valor normativo: eles lhe são dados, não é ele que os cria. E por isso que o enunciado, em sua singularidade, apesar de sua individualidade e de sua criatividade, não pode ser considerado como uma combinação absolutamente livre das formas da língua, do modo concebido, por exemplo, por Saussure (e, na sua esteira, por muitos linguistas), que opõe o enunciado (a fala), como um ato puramente individual, ao sistema da língua como fenômeno puramente social e prescritivo para o indivíduo. A grande maioria dos linguistas compartilha a mesma

posição, se não na teoria, na prática: no enunciado, veem apenas a combinação individual de formas puramente linguísticas (lexicais e gramaticais) e, na prática, não veem nem estudam nenhuma outra forma normativa. (ibid., p. 304) [sublinhados meus]

Bakhtin já havia formulado, como vimos, que o objeto dos estudos da língua(gem) são os enunciados e não somente a língua enquanto sistema abstrato. Nessa sequência, retomando a necessidade de se pensar esses enunciados em situações concretas de uso, as quais, segundo a sua perspectiva, como vimos, são essencialmente dialógicas, Bakhtin postula, ao afirmar que “os gêneros do discurso (...) são tão indispensáveis quanto as formas da língua para um entendimento recíproco entre locutores”, que a esses estudos compete a consideração do processo de comunicação verbal e, portanto, de compreensão do dizer do outro. Assim, do lugar em que se inscreve o autor, concebe-se que os gêneros, tal como as formas da língua, possuem um caráter prescritivo, já que não são criados pelos falantes, mas por eles são aprendidos. Logo, sob essa perspectiva, quanto mais gêneros dominar o falante, mais competente discursivamente será – donde a importância de se considerar o seu “valor normativo”. E isso porque se entende que, em um enunciado e, portanto, em um gênero, não pode haver “uma combinação absolutamente livre das formas da língua”. Nesse ponto, mais uma vez o quadro saussuriano é evocado no dizer do teórico russo para dele se distanciar justificando-se tal distanciamento pelo fato de, nesse quadro, o enunciado concebido somente como fala ser considerado como um “ato puramente individual”, o que é reiterado numa nota colocada no final do período em que comparece o nome de Saussure na sequência anterior e que, segundo Brait (2016), também está presente na edição russa:

Saussure definiu o enunciado (a fala) como “ato individual de vontade e de inteligência, no qual convém distinguir: 1) as combinações pelas quais o sujeito falante utiliza o código da língua a fim de expressar seu pensamento pessoal; 2) o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (Saussure, *Cours de linguistique générale*, cap. 111-2). Saussure ignora portanto o fato de que, além das formas da língua, há também as formas de combinação dessas formas da língua, ou seja, ignora os gêneros do discurso. ([1952-1953] 1997, nota 3, p. 304)

A limitação da fala a um “ato individual” – recordemos – também produziu a desidentificação de Câmara Jr., que propôs a substituição desse termo (*fala*) por discurso, tomado enquanto ato enunciativo que pode possuir um caráter individual ou coletivo. Porém, para o linguista brasileiro, esse não é, como vimos, um problema inerente à teoria saussuriana, mas uma deturpação criada pelos estudiosos, que nem sempre souberam apreender a distinção entre *langue* e *parole* “no exato espírito do mestre” ([1961] 2004, p. 173). Já, para Bakhtin, essa problemática é intrínseca à dicotomia saussuriana e impede a sua filiação a esse quadro teórico. Nesse sentido, o comentário na nota de Bakhtin que segue o excerto recortado do *Curso* materializa o distanciamento que mencionamos anteriormente. Saussure ignora que não há apenas combinação de formas da língua e que há também “as formas de combinação dessas formas da língua”, as quais, nessa ótica, têm como resultado a produção de enunciados –, o que implica dizer que ele

“ignora os gêneros do discurso”, reiterando o efeito de insuficiência, de esgotamento, atribuído, no dizer de Bakhtin, ao quadro teórico filiado ao nome do mestre genebrino²⁷.

Lembremos aqui ainda que anteriormente, em seu artigo, Bakhtin já havia proposto uma distinção entre estilo individual e geral. Portanto, é a esse estilo geral do gênero que está se referindo quando postula o seu “valor normativo”: os recursos linguísticos, sob essa perspectiva, são mobilizados pelos falantes de acordo com as situações concretas de uso, que ocorrem, para usar um termo bakhtiniano, nas diferentes “esferas da atividade humana”, das quais, por sua vez, em função das necessidades comunicativas, emanam os gêneros do discurso.

Dessa maneira, estabelece-se ainda uma distinção entre oração e enunciado, aquela significada como uma “unidade da língua” e este, a despeito da sua dita natureza linguística, como uma “unidade da comunicação verbal” ([1952-1953] 1997, p. 295). Isso porque, no quadro teórico bakhtiniano, cujo conceito-chave, como afirmamos anteriormente, é o dialogismo, todo enunciado “comporta um começo e fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois do seu fim há os enunciados-respostas dos outros” (ibid., p. 294). Assim sendo, considera-se, desse lugar, que a fronteira dos enunciados concretos é determinada pela alternância de sujeitos falantes, o que fundamenta a distinção entre enunciado e oração: “as fronteiras da oração (unidade da língua) nunca são marcadas pela alternância dos sujeitos falantes” (ibid., p. 296). Ou seja, entende-se que um enunciado pode ser constituído por uma ou mais orações, o que corrobora o efeito de legitimidade para a consideração do enunciado e não somente da oração e das formas linguísticas que a constituem como objeto de análise dos estudos da linguagem, que, como vimos, devem considerar também o processo de comunicação verbal.

²⁷ Torna-se necessário aqui tecer algumas considerações sobre o que, para Bakhtin, Saussure teria considerado como “formas da língua”. No *Curso*, embora se considere que a língua é um sistema gramatical virtualmente presente no cérebro de um conjunto de indivíduos (Cf. nota 11), afirma-se que os signos da língua, tomados como objeto de estudo da Linguística, são “unidades concretas” que se combinam numa sequência fônica linear, “entidades delimitadas” que só existem “pela associação do significante e do significado” e opõem-se significativamente. Apesar disso, pontua-se também a dificuldade de delimitação dessas unidades, visto que “a língua não possui um conjunto de signos delimitados de antemão”. Assim, ao mesmo tempo em que se advoga a necessidade de “procurar a unidade concreta fora da palavra” – visto que não só esta pode ser uma “unidade complexa” (com prefixos, sufixos etc.), como “existem unidades maiores que as palavras” (compostos, locuções etc.) – e também do nível da frase – já que ela é dominada pela diversidade e o seu pertencimento à ordem da língua é questionável –, observa-se que “sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato”. Seria, pois, essa característica que distingue a língua “de todas as outras instituições semiológicas”, ressaltando-se que, a despeito de ela “apresentar esse caráter estranho e surpreendente de não oferecer unidades perceptíveis à primeira vista”, não “se pode duvidar, entretanto, de que existem e de que é seu jogo que a constitui” (SAUSSURE, [1946] 1975, pp. 119-124). Note-se, então, que, nessa passagem, mesmo o Saussure, o do *Curso*, colocando o problema da delimitação da unidade concreta de estudo da Linguística como uma questão da língua, é extremamente reticente em firmar um critério de delimitação. A despeito disso, a interpretação do quadro saussuriano que se naturalizou nos estudos da linguagem pelo menos até a segunda metade do século XX não foi essa, mas a de certeza de delimitação das unidades da língua, sendo, pois, esse sentido que produz ressonâncias no dizer de Bakhtin. Agradecemos aqui ao amigo Bruno Turra por essas e outras contribuições neste artigo em relação ao “efeito Saussure”. Aproveitamos para agradecer também aos amigos Michel de Faria e André Cavalcante pela leitura atenta e pelas pontuações em relação à análise discursiva aqui depreendida.

Em suma, ler Bakhtin respondendo a Saussure à medida que vai tecendo o seu quadro teórico nos permite observar que, como assinala Brait (2016, p. 96), a despeito dos inúmeros trabalhos que destacam o antagonismo entre Saussure e Bakhtin, a presença daquele na obra deste não se projeta como um “mero objeto de rejeição, mas como contraponto epistemológico necessário à argumentação bakhtiniana”, que se sustenta no conceito de dialogismo, como elemento fundador e norteador de todas as reflexões. Foi nesse sentido que consideramos o quadro bakhtiniano como uma resposta a Saussure, o do *Curso*. Do lugar em que nos inscrevemos, entendemos que os sentidos se instituem sempre em relação a outros sentidos, a outros dizeres, e que a sua (re)produção pressupõe a apreensão de gestos de interpretação, os quais, por sua vez, não ocorrem sem a filiação a uma dada memória. Assim, também em Bakhtin, o efeito Saussure se faz presente como memória. Porém, como uma memória com a qual o sujeito, não só não se identifica, como, a partir da filiação a uma ideologia marxista, se contraidentifica, promovendo, ao se significar/ser significado como autor, deslocamentos de sentidos que acarretam uma ruptura ideológica e a instauração de um novo domínio de saber, o qual se inscreveu na história dos estudos da linguagem além-Rússia sob o nome de Análise de Discurso bakhtiniana.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tomando como materialidades de análise dois textos que ainda hoje produzem efeito sobre os estudos estilísticos desenvolvidos no Brasil – a saber: “Considerações sobre o estilo” [1961], de Mattoso Câmara Jr., e “Os gêneros do discurso” [1952-1953], de Mikhail Bakhtin –, buscamos apreender as ressonâncias produzidas nos quadros teóricos apresentados pela memória do domínio de saber instituído a partir da publicação do *Curso de Linguística Geral*, cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure. Considerando a relação entre os dizeres de Saussure, sobre Saussure e a partir de Saussure, a análise nos possibilitou apreender que, embora o *Curso* seja tomado como um ponto de retorno (PÊCHEUX, [1981] 1999) nos dois textos analisados, as condições de produção em que se dá esse retorno implicam diferentes formas de significação e, portanto, de se relacionar com a memória instituída por ele, ainda que, em ambos os casos, essa memória seja negada, parcial ou integralmente, devido àquilo que designamos como “o mal-estar na/da Linguística” instaurado com o chamado corte epistemológico.

Em Câmara Jr., embora não haja ruptura com o domínio da Linguística Geral/Estrutural, da qual Saussure é significado, na história dos estudos da língua(gem), como precursor, em função desse mal-estar, se coloca a necessidade de promover a transformação-deslocamento de alguns conceitos saussurianos para que o estilo e, conseqüentemente, os estudos estilísticos nesse domínio sejam reintroduzidos. Há mesmo, no quadro mattosiano, uma tentativa de escapar da determinação positivista-cartesiana que impõe uma dicotomia fechada e direta entre *langue* e *parole*. Trata-se, assim, daquilo que Pêcheux (ibid.) chamou de “reunificação enganadora”, já que, ao

desidentificar-se, o sujeito nega parcialmente essa memória, sem com ela romper, mas promovendo deslocamentos de sentidos e a consequente reconfiguração ideológica do quadro teórico saussuriano.

Em Bakhtin, por seu turno, materializa-se a tendência “antissaussuriana” de que nos fala Pêcheux (ibid.), de modo que a ruptura ideológica, devido à contraidentificação aos sentidos filiados a esse domínio, se impõe. O mal-estar na/da Linguística saussuriana, determinada por uma ideologia cientificista-positivista-cartesiana, é percebido como algo incontornável. Assim sendo, por meio da filiação a uma ideologia marxista, a negação do quadro teórico saussuriano é radical, havendo uma “diáspora” (PÊCHEUX, ibid.) desse domínio de saber. De fato, em Bakhtin, uma simples reconfiguração do quadro teórico não é suficiente. Em seu gesto de leitura-interpretação de Saussure, deslocam-se não apenas conceitos, mas também o próprio objeto instituído a partir do corte epistemológico. Ao longo de toda a sua reflexão, Saussure, o do *Curso*, é retomado para ser negado, para se demonstrar a insuficiência e o esgotamento do quadro teórico filiado ao seu nome e, com isso, se justificar a instauração de uma nova memória, de um novo domínio de saber dos estudos da língua(gem), qual seja, aquele que se significou no Brasil como Análise de Discurso bakhtiniana. Nesse sentido, caberia até mesmo questionar em que medida o quadro teórico filiado ao nome de Bakhtin se projeta/é projetado como uma corrente da Linguística – e não como uma ciência outra, uma Filosofia da linguagem, como comparece no título da obra de 1929 – e, por conseguinte, em que medida esse autor se projeta/é projetado como um linguista – e não como um filósofo. Apesar de assim autor e obra terem sido significados historicamente nas instituições universitárias brasileiras, nos parece que os efeitos do incômodo produzido pelo corte saussuriano são de tal ordem que se torna impossível, no quadro bakhtiniano, falar da língua na sua relação com a linguagem desse lugar. O desenvolvimento dessa reflexão, porém, ficará para uma outra oportunidade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [1952-1953] Gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 2ª. edição. São Paulo: Fontes, 1997, pp. 277-326.
- BAKHTIN, M. [1929] *Marxismo e filosofia da linguagem* - Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 2ª. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
- BRAIT, B. A presença de Saussure em escritos de Mikhail M. Bakhtin. In: FARACO, C. A. (org.). *O efeito Saussure* : cem anos do Curso de Linguística Geral. São Paulo: Parábola, 2016, pp. 91-110.
- CÂMARA Jr., J. M. [1961] Considerações sobre o estilo. In: UCHOA, C. E. F. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Nova ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004, pp. 173-179.
- CHALHUB, S. *Funções da Linguagem*. São Paulo : Editora Ática, 1999.
- CHIDICHIMO, A. & GAMBARARA, D. Trois chapitres de ‘L’essence double du langage’. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure Revue suisse de linguistique générale*, n° 61. p. 113-129. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure. Genebra: Librairie Droz S.A., 2008.
- CHISS, J.L.; PUECH, C. F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine In: *Langages*, 28e année, n°114, 1994, pp. 41-53.
- COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.M et PUECH, C. *Histoire des idées sur le langage et les langues*. Paris: Klincksieck, 2010.

- COSTA, T. A. Função-autor (gramático) e nome de autor. In: *Discurso gramatical brasileiro: permanências e rupturas*. Campinas, SP: Pontes, 2019.
- DE LEMOS, C.; DE VITTO, M.; ANDRADE, L.; SILVEIRA, ELIANA. Le saussurisme em Amérique latine au XXe siècle. In: *Cahiers de Ferdinand de Saussure*, n. 56, 2003, p. 165-176.
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FARACO, C. A. Apresentação. In: FARACO, C. A. (org.). *O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Parábola, 2016, pp. 7-24.
- GADET, F. *Saussure: une Science de la langue*. Paris: PUF, 1996.
- HORTA NUNES, J. Uma articulação da análise de discurso com a história das ideias linguísticas. In: SCHERER, Amanda Eloina; PETRI, Verli (orgs). *Língua, Sujeito e História*. v.18. n.37. Santa Maria, UFSM: Programa de pós-graduação em Letras, pp. 107- 133, jul/dez., 2008.
- LEITE, F. B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. In: *Revista Magistro*, vol 1, n. 1, 2011, pp. 43-63.
- NORMAND, C. [2000] *Saussure*. 2eme edition. Paris: Les Belles Lettres, 2004.
- ORLANDI, E. *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos de trabalho simbólico*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.
- PUECH, C. O 'discurso', as heranças e o destino de Saussure na França. In: CRUZ, M. A., PIOVEZANI, C., TESTENOIRE, P. *Saussure, texto e discurso – cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola, 2016, pp. 13-38.
- PÊCHEUX, M. [1981] Sobre a desconstrução das teorias linguísticas. In: *Língua e Instrumentos linguísticos* (4/5). Campinas: Unicamp, 1999, pp. 7-32.
- PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e discurso: crítica à afirmação do óbvio*. 4ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- SOFIA, E (org.). *La «collation Sechehaye» du 'Cours de linguistique générale'*. Leuven - Paris - Bristol, CT : Peeters, 2015.
- SAUSSURE, F. [1916] *Curso de linguística geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 1975.
- SAUSSURE, F. [2002] *Escritos de Linguística Geral*. Organizado e editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SERIOT, P. Por que Bakhtin não é Pêcheux: um grande mal-entendido sobre a análise de discurso. In: *Entremeios: Revista de estudos do Discurso*, v. 17, Jul-Dez/2018, pp. 31-46.
- TESTENOIRE, P. O que as teorias do discurso devem a Saussure. In: CRUZ, M. A., PIOVEZANI, C., TESTENOIRE, P. *Saussure, texto e discurso – cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola, 2016, pp. 105-124.
- TURRA, B. M. Ferdinand de Saussure e seu saber fazer com a escrita ou do que se circunscreve de um enigma. 2018. 225f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- YAGUELLO, M. Apresentação. In: BAKHTIN, M. [1929] *Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 2a. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.
- ZANELLA, A., BRANCO, L. K., COSTA, T. A., MEDEIROS, V. Interloquções a partir de Saussure. In: *A palavra de Saussure*. São Carlos: Pedro & João editores, 2016, pp. 175-201.

Recebido: 15/2/2020
 Aceito: 10/12/2020
 Publicado: 28/1/2021